Na manhã de 7 de abril de 1991, quando meu pai me telefonou para me convidar para ir a seu apartamento em Chapinero pela primeira vez, havia caído sobre Bogotá um aguaceiro de tais proporções que as quebradas dos Cerros Orientales transbordaram, e a água desceu aos borbotões arrastando galhos e terra, entupindo os bueiros, inundando as ruas mais estreitas e arrastando carros pequenos com a força da torrente, chegando inclusive a matar uma taxista desprevenida que ficou presa, em circunstâncias confusas, debaixo do chassi de seu próprio táxi. O telefonema em si era no mínimo surpreendente; naquele dia, porém, achei-o no mínimo de mau agouro, não só porque fazia muito tempo que meu pai havia deixado de receber visitas como porque a imagem da cidade sitiada pela água, dos trailers imóveis e dos semáforos danificados e das ambulâncias retidas e das emergências não atendidas, teria sido suficiente, em circunstâncias normais, para convencê-lo de que sair de casa era insensato, e solicitar a visita de alguém uma coisa quase temerária. A visão de Bogotá indefesa me deu a medida da urgência, me fez desconfiar de que o convite não era uma questão de cortesia, e me sugeriu uma conclusão provisória: íamos falar de livros. Não de qualquer livro, é claro: falaríamos do único que eu havia publicado até aquele momento, uma reportagem com título de documentário de televisão — *Uma vida no exílio*, era o título — que contava ou tentava contar a vida de Sara Guterman, filha de uma família de judeus e nossa amiga da vida inteira, desde sua chegada à Colômbia nos anos 30. Por ocasião do lançamento, em 1988, o livro obtivera certa notoriedade, mas não por seu tema nem por sua qualidade discutível, e sim porque meu pai, um professor de oratória que sempre se recusou a chegar perto de toda e qualquer forma de jornalismo, um leitor de clássicos que desprezava até mesmo o fato de comentar literatura na imprensa, publicara no *Magazín Dominical* uma crítica que acabava com ele com algo muito

semelhante à fúria. Isso explica por que, mais adiante, quando meu pai vendeu a preço de banana a casa da família e arrendou seu refúgio de falso solteiro empedernido, eu não estranhasse o fato de tomar conhecimento de seus desmandos pela boca de terceiros.

De modo que nada mais natural do que, na tarde em que o encontrei, pensasse que ele queria falar comigo sobre aquele fato: que ia corrigir, com três anos de atraso, aquela traição mínima e doméstica, sim, mas nem por isso menos dolorosa. O que se passou foi uma coisa muito diferente. Sentado em sua poltrona autoritária e amarela, enquanto trocava de canal com o polegar solitário de sua mão mutilada, aquele homem envelhecido e assustado e com cheiro de lençóis sujos cuja respiração assobiava como um cometa de papel, contou-me, no mesmo tom que utilizara a vida inteira para repetir alguma história acontecida com Demóstenes ou Gaitán, que fazia três semanas que visitava regularmente um médico da clínica San Pedro Claver, e que uma revisão de seu corpo de sessenta e sete anos revelara, em ordem cronológica, uma diabetes sem importância, uma artéria obstruída — a anterior descendente — e a necessidade de uma operação imediata. Agora ele sabia quão perto estivera de não existir mais, e queria que eu também soubesse. “Sou tudo o que você tem”, me disse. “Sou tudo o que lhe resta. Faz quinze anos que sua mãe está morta e enterrada. Eu teria podido não avisar você, mas avisei. Sabe por quê? Porque quando eu me for, você fica sozinho. Porque se você fosse um trapezista, eu seria sua única rede de segurança.” Pois bem, agora que já se passou um tempo suficiente desde a morte de meu pai e que me decidi afinal a organizar a cabeça e o escritório, os documentos e notas para a redação deste relato, pareceu-me evidente que devo começar desta maneira: evocando o dia em que ele me telefonou, no meio do inverno mais rigoroso de minha vida adulta, não para interromper o afastamento em que havíamos embarcado, mas para sentir-se menos sozinho quando lhe abrissem o tórax com uma serra elétrica e costurassem a seu coração enfermo

uma veia retirada de sua perna direita.

O problema surgira depois de um check-up de rotina. O médico, um homem com voz de soprano e corpo de jóquei de corrida, dissera a meu pai que na idade dele uma diabetes leve não era completamente anormal nem tão preocupante assim: tratava-se apenas de um desequilíbrio previsível, e não seria necessário injeções de insulina nem drogas de nenhum tipo, e sim exercícios regulares e uma dieta rigorosa. Então, depois de alguns dias de trote judicioso, começou a dor, uma presença delicada sobre o estômago, parecia mais um aviso de indigestão ou os estertores de algum animal felpudo que meu pai tivesse engolido. O médico pediu novos exames, ainda gerais porém mais exaustivos, entre eles uma prova de esforço; meu pai, vestindo cuecas amplas e folgadas como safões, caminhou primeiro e depois trotou sobre o tapete sintético, aquele tapete frio que se renovava a si mesmo, e em seguida voltou para o vestiário diminuto (no qual, me disse, ficara com vontade de esticar os braços, e, quando se deu conta de que o lugar era tão estreito que dava para tocar as duas paredes opostas com os cotovelos, teve um breve ataque de claustrofobia), e mal acabara de vestir a calça de lã e começava a abotoar os punhos da camisa já pensando em sair dali para esperar que alguma secretária o chamasse para lhe entregar o resultado do eletrocardiograma, quando médico bateu do outro lado da porta. Sentia muito, dizia, mas não tinha gostado do que vira nos primeiros resultados: seria necessário fazer um cateterismo imediatamente, para confirmar os riscos. O que foi feito, claro, e os riscos (claro) se confirmaram: havia uma artéria obstruída.

“Noventa e nove por cento” disse meu pai. “Eu teria o infarto dois dias depois.”

“Por que não internaram você na mesma hora?”

“Porque o sujeito viu que eu estava muito nervoso, imagino. Preferiu que eu voltasse

para casa. Mas me liberou com instruções muito precisas. Que eu passasse o fim de semana sem me mover. Que evitasse todo tipo de agitação. Nada de sexo, sobretudo. Me disse isso, imagine."

"E você, o que falou?"

"Que quanto a isso, não se preocupasse. Nada mais. Eu também não ia contar minha vida a ele."

Ao sair do consultório, quando tomou um táxi no alarido da rua vinte e seis, meu pai mal havia começado a encarar a ideia de estar doente. Ia ser internado num hospital sem um único sintoma que delatasse a urgência de seu estado, sem mal-estar diferente da frívola dor na boca do estômago, e tudo por ordem de um cateterismo delator. Os balbucios arrogantes do médico continuavam movimentando-se em seu ouvido: "Se o senhor tivesse esperado mais três dias para vir me ver, o mais provável é que em mais uma semana estivéssemos fazendo seu enterro". Era uma sexta-feira; a operação foi marcada para a quinta-feira seguinte às seis da manhã. "Passei a noite inteira pensando que ia morrer" disse-me, e então telefonei para você. "O fato me surpreendeu, claro, mas agora o que mais me surpreende é o fato de que você tenha vindo". É possível que estivesse exagerando: meu pai sabia que ninguém estaria disposto a considerar sua morte com mais seriedade que seu próprio filho, e a isso, a pensar em sua morte, dedicamos a tarde do domingo. Preparei umas saladas, verifiquei se havia suco e água na geladeira, e comecei a conferir junto com ele a última declaração do imposto de renda. Tinha mais dinheiro do que precisava; o que não quer dizer que tivesse muito, e sim que precisava de pouco. Seus únicos proventos eram os que resultavam do fato de ter se aposentado pela Suprema Corte, e seu capital, isto é, o total que recebera por vender a preço de banana a casa em que eu havia crescido e minha mãe havia morrido, fora aplicado em certificados de depósito cujo rendimento sozinho era suficiente

para cobrir seu aluguel e os gastos da vida mais ascética de que eu já tivera conhecimento: uma vida da qual, até onde posso perceber, não participavam restaurantes nem concertos nem outras formas mais ou menos onerosas de entretenimento. Não digo que se meu pai tivesse passado uma noite ocasional com uma amante contratada eu teria ficado sabendo do fato; mas quando algum de seus colegas tentava tirá-lo de casa, levá-lo para comer fora com uma mulher qualquer, meu pai dizia que não uma vez e em seguida deixava o telefone fora do gancho durante o resto da tarde. “Já conheci as pessoas que tinha de conhecer nesta vida”, dizia-me. “Não preciso de ninguém novo.” Uma dessas vezes, a pessoa que o estava convidando era uma advogada de marcas e patentes tão jovem que teria podido ser sua filha, uma dessas garotinhas de peito grande e poucas leituras que em certo momento inevitável parecem curiosas de saber como é o sexo com homens mais velhos. “E você não foi?” perguntei-lhe naquele momento. “Claro que não fui”. Disse a ela que tinha uma reunião política. “De que partido?” ela me perguntou. “Do partido onanista” respondi. E ela foi embora para casa muito sossegada, sem me perturbar mais. Não sei se terá encontrado um dicionário a tempo, mas parece que resolveu me deixar em paz, porque não tornou a me convidar para nada. Ou quem sabe talvez já exista uma ação contra mim, não? Quase consigo ler os letreiros, Professor pervertido assedia mulher jovem com polissílabos gregos.”

Fiquei com ele até as seis ou sete da tarde depois voltei para minha casa, pensando durante todo o trajeto no que acabava de acontecer, no curioso percurso do filho conhecendo a casa de seu pai. Eram dois aposentos — uma sala e um quarto — ou havia um estúdio em algum lugar? Vi apenas uma estante tripla branca apoiada com descuido à parede que dava para a rua quarenta e nove, ao lado de uma janela por entre cujas barras a luz mal conseguia entrar. Onde estavam seus livros? Onde estavam as placas e bandejas de

prata com as quais os demais haviam feito o possível para distinguir sua carreira ao longo dos anos? Onde ele trabalhava, onde lia, onde ouvia aquele disco — Os mestres cantores de Nuremberg, um título que eu desconhecia — cuja capa estava largada sobre a mesa da cozinha? O apartamento parecia ancorado nos anos 70: o tapete laranja e marrom; a cadeira branca de fibra de vidro na qual afundei enquanto meu pai evocava e descrevia para mim o mapa do cateterismo (suas rodovias estreitas, suas estradas secundárias); o banheiro fechado e sem janelas, iluminado unicamente por um par de retângulos de plástico translúcido no teto (um dos quais estava quebrado, permitindo-me ver pelo buraco os estertores de duas lâmpadas fluorescentes que pareciam a ponto de derreter). Havia restos de espuma de sabão na pia verde, o chuveiro era escuro e não cheirava bem, e da moldura de alumínio pendiam duas cuecas recém-lavadas. Ele mesmo as lavara? Ninguém ia até lá ajudá-lo? Abri gavetas e portas com fecho de ímã, e encontrei melhorais, uma caixa de alka-seltzer e um pincel de barba besuntada de óxido e que ninguém usava fazia muito tempo. Havia gotas de urina na privada e no chão: gotas amarelas e malcheirosas, delatoras de uma próstata desgastada. E, sobre a tampa da caixa d'água, debaixo de uma caixa de kleenex, havia uma cópia de meu livro. Claro, perguntei-me se aquele não seria o jeito dele de sugerir que sua opinião não havia mudado no decorrer daqueles anos. "O jornalismo favorece o trânsito intestinal", imaginei que estava me dizendo. "Por acaso ninguém lhe explicou isso na faculdade?"

Ao chegar dei alguns telefonemas, embora já não houvesse como cancelar a operação ou levar em conta segundas opiniões, formuladas, ademais, pelo telefone e sem o auxílio de documentos, exames, radiografias. Em todo caso, não foi muito tranquilizador falar com Jorge Mor, um cardiologista da Shaio que havia sido meu amigo desde os tempos do colégio. Quando liguei para ele, Jorge confirmou o que o médico da San Pedro Claver

dissera: confirmou o diagnóstico e também a necessidade de fazer uma operação de urgência, bem como a sorte de que o problema tivesse sido descoberto por acaso, antes que o coração sufocado de meu pai fizesse o que tinha pensado fazer e ficasse quieto de repente e sem avisar. “Durma tranquilo, irmão” me disse Jorge. “É a versão mais fácil de uma operação difícil. Não adianta nada ficar se preocupando daqui até quinta-feira.” “Mas o que pode dar errado?” insisti. “Tudo pode dar errado, Gabriel, tudo pode dar errado em qualquer operação do mundo. Mas essa é preciso fazer, e é relativamente simples. Você quer que eu vá até aí para lhe explicar?” “Claro que não” respondi. “Que ideia.” Mas talvez se eu tivesse aceitado a proposta tivesse ficado conversando com Jorge até chegar a hora de dormir. Teríamos falado da operação; eu teria dormido num horário tardio, depois de um ou dois drinques soníferos. Em compensação, acabei indo dormir às dez da noite e pouco antes das três da manhã descobri que continuava acordado e mais assustado do que tinha imaginado.

Saí da cama, procurei no bolso da calça o volume da carteira e esparramei o conteúdo debaixo do foco do abajur. Uns dois meses antes de eu completar dezoito anos, meu pai me entregara um retângulo de cartolina, azul-escuro de um lado e branco do outro, que dava direito a ser enterrado ao lado de minha mãe nos Jardins da Paz — e ali estavam o logotipo do cemitério, letras lembrando lírios —, e me pedira que o guardasse num lugar seguro. Naquele momento, como teria ocorrido com qualquer outro adolescente, a melhor coisa que me ocorreu foi enfiá-lo na carteira; e ali ele ficara esse tempo todo, entre a identidade e o certificado do serviço militar, com seu aspecto de obituário e o nome escrito à máquina sobre um adesivo já gasto. “Nunca se sabe”, dissera meu pai ao entregá-lo. “Uma hora nos jogam uma bomba e eu quero que você saiba o que fazer comigo.” O tempo das bombas e dos atentados, uma década inteira em que vivemos com plena consciência de que voltar

para casa à noite era questão de sorte, ainda estava longe; se com efeito nos tivessem jogado uma bomba, a posse daquele cartão não teria me fornecido mais luzes nem mais indicações quanto ao tratamento a dar aos mortos. Agora me ocorria que o cartão, amarelado e gasto, lembrava os plásticos que decoram as carteiras novas, e nenhum estranho o teria visto como o que de fato era: uma sepultura plastificada. E assim, considerando a possibilidade de que tivesse chegado o momento de usá-lo, não como resultado de bombas ou atentados, mas pela obra previsível de um coração velho, adormeci.

Ele foi internado às cinco da tarde seguinte. Ao longo daquelas primeiras horas, já enfiado em sua bata verde, meu pai respondeu às perguntas do anestesista e assinou os documentos em branco do Seguro Social e os tricolores do seguro de vida (uma bandeira pátria de cores desbotadas), e no decorrer da terça e da quarta-feira falou e continuou falando, exigindo certezas, pedindo informações e informando por sua vez, sentado sobre o colchão alto e suntuoso da cama de alumínio e mesmo assim reduzido ao frágil papel de quem sabe menos que seu interlocutor. Naquelas três noites fiquei com ele. Garanti-lhe, repetidas vezes, que tudo ia dar certo. Vi o hematoma com a forma da Guajira sobre sua coxa, e lhe garanti que tudo ia dar certo. E na quinta-feira de madrugada, depois de barbear seu peito e as duas pernas, três homens e uma mulher o levaram para a sala de operações do segundo andar, deitado e pela primeira vez em silêncio e ostentosamente nu sob sua bata descartável. Acompanhei-o até que uma enfermeira, a mesma que mais de uma vez olhara sem disfarçar o sexo comatoso do paciente, pediu-me que me afastasse e me disse, com um tapinha com cheiro de amoníaco, o mesmo que eu dissera a ele: “Não se preocupe, senhor. Tudo vai dar certo”. Mas acrescentou: “Se Deus quiser”.

Qualquer pessoa reconhece o nome de meu pai, e não apenas por ser idêntico ao que

assina este livro (sim, meu pai era um exemplar dessa espécie tão previsível: os que confiam tanto nas realizações de sua vida que não temem batizar os filhos com o próprio nome), mas também porque Gabriel Santoro foi o homem que ministrou, durante mais de vinte anos, o famoso Seminário de Oratória da Suprema Corte de Justiça, e também o que pronunciou, em 1988, o discurso comemorativo dos 450 anos de Bogotá, o texto legendário que chegou a ser comparado aos melhores exemplos de retórica colombiana, de Bolívar a Gaitán. “Gabriel Santoro, herdeiro do Caudilho Liberal”, foi o título de uma publicação oficial que ninguém lê e ninguém conhece, mas que deu a meu pai uma das grandes satisfações de sua vida recente. Não era para menos, óbvio, porque ele aprendera tudo com Gaitán: assistira a todos os seus discursos; plagiara seus métodos. Antes dos vinte anos, por exemplo, começara a usar os corpetes de minha avó para criar o efeito da faixa que Gaitán envergava quando tinha de falar em espaços abertos. “A faixa pressionava seu diafragma”, explicava meu pai nas aulas, “e a voz saía mais forte, mais grave, mais resistente. A pessoa podia estar a duzentos metros do palanque, com Gaitán falando sem microfone de espécie alguma, só no pulmão, e se entendia perfeitamente”. A explicação era acompanhada pela pantomima, pois meu pai era um imitador excepcional (só que onde Gaitán erguia o indicador da mão direita, apontando o céu, meu pai erguia o coto lustroso). “Povo: Pela restauração moral da República! Povo: Pela vossa vitória! Povo: Pela derrota da oligarquia!” Pausa; pergunta falsamente amável de meu pai: “Quem sabe me dizer por que essa série de frases nos comove? Onde se situa sua eficácia?” Um assistente incauto: “Comove-nos pelas ideias de...”. Meu pai: “Nada de ideias. As ideias não interessam, ideias qualquer animal pode ter, e essas, especificamente, não são ideias, são slogans. Não, a série nos comove e nos convence pela repetição da mesma cláusula no começo das invocações, uma coisa que vocês, de agora em diante, vão me fazer o favor de chamar de anáfora. E

quem me aparecer outra vez com esse papo de ideias leva fogo".

Eu costumava assistir a essas aulas pelo mero prazer de vê-lo encarnar Gaitán ou quem quer que fosse (outras encenações mais ou menos assíduas eram Rojas Pinilla e Lleras Restrepo) e, como é evidente, me acostumei a olhar para ele, para suas formas de boxeador aposentado, os ossos grandes — o maxilar e os pômulos, a geometria imponente das costas — que preenchiam com competência seus trajes, as sobrancelhas tão compridas que entravam em seus olhos e às vezes pareciam varrer-lhe as pálpebras como bambolinas rasgadas, e as mãos, sempre e sobretudo as mãos. A esquerda era tão larga e os dedos tão longos que ele conseguia apanhar uma bola de futebol apertando-a entre as pontas dos dedos; a direita não passava de um coto enrugado em que restava apenas a protuberância do polegar ereto. Meu pai tinha uns doze anos, e estava sozinho na casa dos avós em Tunja, quando três homens de facão em punho e calças arregaçadas entraram por uma janela da cozinha cheirando a aguardente e pano molhado e gritando morras ao Partido Liberal, e não encontraram meu avô, que era candidato à governança de Bogotá e que cairia numa emboscada alguns meses mais tarde em Sogamoso, e sim a seu filho, um menino ainda de pijama embora já passassem das nove da manhã. Um deles foi atrás de meu pai, viu quando ele tropeçou num monte de terra e se enroscou na relva crescida do potreiro ao lado; depois de um golpe de facão, deu-o por morto. Meu pai havia levantado uma mão para proteger-se e a lâmina enferrujada lhe cortou quatro dedos. María Rosa, a cozinheira da casa, preocupou-se quando ele não chegou para o almoço e acabou por encontrá-lo umas duas horas depois do ataque, a tempo de evitar que morresse de hemorragia. Mas meu pai não se lembrava desse último episódio: contaram-lhe depois, assim como lhe contaram de suas febres e das incoerências que dizia — estranhas misturas dos homens de facão com piratas de Salgari — em meio à alucinação das febres. Teve de aprender outra vez a escrever, dessa

vez com a mão esquerda, mas nunca conseguiu a destreza necessária, e às vezes eu pensava, sem chegar a dizê-lo, que sua caligrafia descosturada e disforme, aquelas maiúsculas infantis que encimavam breves esquadrões de cavalos inúteis, eram a única razão pela qual um homem que passara seus dias entre os livros dos outros não escrevera o seu próprio. Seu material eram as palavras pronunciadas e lidas, mas nunca as escritas por sua própria mão. Sentia-se desajeitado ao manipular uma caneta e era incapaz de utilizar-se de um teclado: escrever era um atestado de sua invalidez, de seu defeito, de sua vergonha. E ao vê-lo humilhar os alunos menos dotados, ao ver como ele os açoitava com seus sarcasmos violentos, eu costumava pensar: está se vingando. É assim que ele se vinga.